

# MEMÓRIA E AFETIVIDADE: A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES NAS TRAJETÓRIAS SOCIAIS

## MEMORY AND AFFECTIVITY: THE IMPORTANCE OF EMOTIONS ON SOCIAL TRAJECTORIES

Veruska Anacirema S. da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Essa reflexão discute algumas noções de memória e afetividade, atravessadas pela idéia de modernidade, a partir da compreensão de que os afetos são traços constitutivos dos fundos de saberes e fazeres armazenados na vida social. Para isso, toma-se como referência estudos do sociólogo Norbert Elias, que nos permitem perseguir a presença dos afetos nas reciprocidades humanas.

**Palavras-chave:** memória, afetividade, modernidade, controle.

**Abstract:** This study discusses some notions of memory and affectivity crossed by the idea of modernity, considering that affections are constitutive features of the knowing-and-doing backgrounds stored in social life. To this end, studies by the sociologist Norbert Elias are taken into account so we can trace the presence of affections on human reciprocities.

**Keywords:** memory, affectivity, modernity, control.

### Considerações iniciais

O tema da memória, dado o seu caráter multimodal, ou seja, com diferentes possibilidades de existência e que inspira conjuntos multidisciplinares de saberes exige, inicialmente, uma breve descrição de que tipo de memória estamos falando, tamanha a sua presença no mundo contemporâneo (FARIAS, 2008). Tomando como dimensão do saber a epistemologia, partimos da idéia de que a memória não se reduz aos atos da lembrança e do esquecimento, pois os ultrapassa e os sintetiza. Também não estamos nos referindo à definição de que ela se trata de uma afecção do espírito – o que nos levaria a uma discussão de tipo metafísico. Uma das dificuldades dos estudos sobre a memória é, justamente, abordá-la a partir de um único campo disciplinar.

---

<sup>1</sup> Mestranda pela *Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB*. Especialista em Educação, Cultura, Memória e História Social do Trabalho pela *UESB*. Professora da Rede Estadual de Ensino. Colaboradora do Programa de Extensão Janela Indiscreta, Cine-Vídeo/*UESB*. E-mail: veruska.anacirema@gmail.com

No recorte aqui privilegiado, a memória, pensada como uma forma de compreensão da relação humana com o tempo, tem o *status* de um dispositivo sócio-psíquico que, ao regular as lembranças, as rotinas e os padrões de vivência, doam sentido às nossas ações, aos espaços onde essas ações acontecem e aos objetos de nossas experiências. Nesses termos, a memória é parte intrínseca do movimento de autocompreensão, conectando os processos sociais à subjetividade. Nesse ponto, lembramos que essa opção, longe de indicar uma síntese ou conceituação definitiva da memória, está referida apenas a uma, entre tantas, possibilidade teórica.

Ao usarmos o termo subjetividade que remete, entre outras coisas, às noções de afetos e emoções, é possível apontar, em uma primeira impressão, para aquilo que dissemos, anteriormente, não ser a opção desse estudo: a de abordar a memória como uma afecção do espírito. Com efeito, ainda que a idéia de espírito seja aqui pertinente, estamos nos referindo àquela função considerada como atributo da humanidade e, daí, passível de ser apreendida nos fluxos das gerações<sup>2</sup>.

A expressão “sócio-psíquico” revela uma relação de simbiose entre o social e o subjetivo e, como parte desse processo, as dimensões cognitivas e afetivas. Ao organizar (selecionar e descartar) as experiências humanas, a memória pode ser compreendida como um elemento fundamental à constituição, armazenamento, síntese e transmissão dos saberes simbolicamente produzidos em diferentes tempos e espaços. No plano simbólico, percebido como o lugar em que os significados vão se constituindo, classificando e qualificando os objetos e a realidade, na ambivalência entre o contínuo e o diferente, a memória concatena sentimentos e valores que nos permitem pensar na importância das emoções nas trajetórias que condicionam as pulsões<sup>3</sup> dos indivíduos e das coletividades e, daí, desempenhando um papel importante nas experiências humanas, em contextos marcados por jogos de força, disputas, negociações e acomodações.

O interesse despertado pela memória pode nos conduzir, como em tantos outros campos do saber ocidental, à Grécia. No período

---

<sup>2</sup> Para Paul Ricouer (2007), o conceito de geração é, certamente, dos mais apropriados a atribuir uma densidade concreta ao conceito mais geral de transmissão, e até mesmo de herança.

<sup>3</sup> Na psicanálise, o termo pulsão refere-se à tendência permanente, e em geral inconsciente, que dirige e incita a atividade do indivíduo.

arcaico, a memória era uma das divindades do panteão grego, *Mnemosyne*, abrangendo de forma especial as noções do tempo e do eu (VERNANT, 1990, p. 188). Mais tarde, em Aristóteles, por exemplo, temos, grosso modo, a memória encerrada na noção do tempo passado que, diante de técnicas mnemônicas, poderia ser recuperado<sup>4</sup>. Durante o Renascimento, a memória era associada ao espaço, numa forma de compreensão das estruturas que ordenavam o mundo. Já a partir do século XVII, a forma como os homens passaram a lidar com a memória transformou-se bastante, derivando em vários significados, entre eles, o de elo entre o passado e o futuro (SANTOS, 2003, p. 17-20). Podemos encontrar idéias específicas de memória em diferentes épocas e pensadores, num longo percurso histórico, que escapam às possibilidades desse trabalho. Vamos então considerar, brevemente, a contribuição daquele que foi considerado um divisor de águas na discussão do tema, incorporando a categoria de memória à teoria social: Maurice Halbwachs.

O francês Maurice Halbwachs (1877-1945) apontou novas possibilidades sociológicas para o estudo da vida cotidiana, situando a questão da lembrança nos contextos sociais. Ele estabelece o conceito de memória coletiva e nos apresenta a idéia de “quadros de memória”, referindo-se às relações interpessoais e geracionais que vão tecendo teias de lembranças, repletas de significados, e que definem o que deve ser lembrado e esquecido. Há uma interdependência entre o indivíduo que lembra e os estímulos grupais (Família, Igreja, Estado, classes, grupos sociais diversos) para a lembrança e o esquecimento (HALBWACHS, 2006).

Embora Halbwachs tenha sido (e ainda o é) importante no pensamento social, ao demonstrar a importância das estruturas coletivas nas formas individuais do lembrar, seus estudos apresentam, na visão da socióloga Myrian Sepúlveda dos Santos, limitações significativas no que diz respeito, de um lado, à relação entre passado e presente, pois o passado só se torna compreensível a partir das construções sociais do presente, e por outro lado, ao manter a antinomia, comum nas ciências sociais da primeira metade do século XX, entre indivíduo e sociedade, ao priorizar um dos eixos nas análises teóricas.

---

<sup>4</sup> Um estudo detalhado e importante sobre a herança grega da memória, incluindo Platão e Sócrates, pode ser encontrado em Ricouer (2007).

A partir da década de 70, cientistas sociais procuraram resolver as antinomias entre indivíduo e sociedade através de sínteses teóricas que integravam práticas a estruturas sociais, bem como através de abordagens compreensivas que tratavam as memórias coletivas como textos simbólicos a serem interpretados. Memórias passaram a ser compreendidas a partir de estruturas coletivas, processos interativos, práticas reflexivas e construções sociais, sem que estas perspectivas teóricas fossem consideradas excludentes (SANTOS, 2003, p. 23).

Essas perspectivas teóricas abrem caminho para pensar a memória em sua relação com as práticas reflexivas e as interações sociais no seu caráter plural; na sua capacidade criativa; na sua condição de construção simbólica, enquanto resultado de conhecimentos adquiridos.

A memória está presente em tudo e em todos. Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação, construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor do tempo físico, pois ela também é o resultado de si mesma (SANTOS, 2003, p. 25-26).

A definição de memória, então, escapa a explicações restritivas, recusa campos específicos, permeando as interseções entre corpo/mente, razão/emoção, indivíduo/sociedade. Não há nada no mundo que não seja mnemônico por natureza (CASEY apud SANTOS, 2003, p. 28). Nesse sentido, importantes teóricos, de diferentes campos das ciências humanas, contribuíram com o aprofundamento da categoria de memória, ampliando e atualizando os seus significados, ao ponto de torná-la objeto, sujeito e método do conhecimento. Por isso, além de estar presente nos documentos, monumentos, rituais, comemorações, museus e tradições, a memória, enquanto fenômeno sócio-psíquico também encontra-se nos corpos, nas experiências e nos afetos.

A memória social é responsável pela estruturação dos sistemas sociais, ou seja, pelo estabelecimento e manutenção de padrões interativos e institucionais, subjazendo também a operações técnicas e científicas. Ela inclui reminiscências, atitudes e sentimentos, regras sociais e normas, padrões cognitivos, o conhecimento científico e tecnológico e assume formas ideais e materiais que se encontram imbricadas e só podem ser separadas analiticamente (DOMINGUES, 1999, p. 37).

Tomar o estudo da memória a partir desse referencial é ter em mente seu caráter multifacetado e os diferentes terrenos em que ela se inscreve, a exemplo da linguagem, da afetividade, da sociedade, da cultura e do desenvolvimento.

## **Memória e nexos com a modernidade**

Embora seja ontológica ao ser humano, enquanto uma função que se vive e se sente, a memória, como categoria de pensamento e, na atualidade, um bem de compreensão com importante papel nas relações sociais, pode ser vista como um dado sócio-histórico que, ao mesmo tempo, surge nos processos sociais e nos ajuda a entendê-los. O aparecimento da categoria como uma preocupação não apenas filosófica, mas também histórica, social e psicanalítica, está ligado à modernidade, juntamente com os esforços de ordenação e doação de novos nexos de sentido característicos desse tempo. O conceito de modernidade é polissêmico e por isso, nesse trabalho, o tratamos nos termos do sociólogo Zigmunt Bauman.

Podemos pensar a modernidade como um tempo em que se reflete a ordem – a ordem do mundo, do hábitat humano, do eu humano e da conexão entre os três: um objeto de pensamento, de preocupação, de uma prática ciente de si mesma, cônica de ser uma prática consciente e preocupada com o vazio que deixaria se parasse ou meramente relaxasse (BAUMAN, 1999, p. 12).

Percebe-se que, em Bauman, a intenção não é datar o começo do que chamamos modernidade, mas pensar a respeito de uma nova experiência humana, configurando outros modos de sentir e existir, que se dá a partir de determinado tempo histórico. Associada à modernidade, a memória passa a cumprir um importante papel na regulação do que pode/deve ser lembrado ou esquecido e terá atuação especial na formação nacional e nos processos civilizadores do Ocidente, fundamentando os temas da unidade, as noções de identidade e os conceitos de cultura. A memória, intrínseca à noção de simbólico, passa a informar a maneira mesma como compreendemos as coisas, definimos as experiências, transmitimos os atos e os produtos do conhecimento, vivemos as permanências e as mudanças nas dinâmicas sócio-históricas e pensamos o futuro. Isso se traduz tanto nas figurações

sociais quanto nas teorizações intelectuais a respeito da relação com o passado e com o devir histórico.

Alguns dos resultados da modernidade são bem discutidos: centralização estatal com os monopólios da força e da tributação; crescimento das cidades; controle do tempo e das práticas produtivas no trabalho; expansão dos meios de transporte e comunicação; colonização de vastos territórios; revoluções políticas; mudanças radicais nos estilos de vida de grupos distintos; criação de domínios laicos; autonomização da esfera cultural (HOBSBAWM, 1997).

Em todos esses processos é possível verificar, como contrapartida, investimentos na disciplina dos corpos e dos afetos, com o crescente controle e autocontrole dos instintos, das pulsões e das emoções. A eficácia desses investimentos pode ser percebida na aprendizagem, incorporação e transmissão de saberes essenciais para os trânsitos nesse novo mundo, com impactos variados a depender dos espaços sociais onde esses controles são efetuados, conforme analisado pelo sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990), no que diz respeito às sociedades européias dos séculos XI ao XVII.

Nas tensões instauradas na modernidade entre as percepções do novo e do antigo, na esteira do controle racional tanto das forças naturais quanto das sociais, a memória dialoga com o subjetivo tanto no que diz respeito aos sentimentos identificados à nostalgia da originalidade e da autenticidade alocadas num dado passado (tradição) quanto naqueles presentes nas experiências postas em marcha pela maquinaria urbano-industrial e as novas estruturas de poder (moderno). A ênfase no planejamento, na classificação, no controle e na ordenação de pessoas e coisas, íntima da modernidade, leva a mudanças de hábitos, valores e costumes, resultando na formação de uma nova estrutura da personalidade, entendida para além de um traço individual, como um componente coletivo.

A reflexão contínua, a capacidade de previsão, o cálculo, o autocontrole, a regulação precisa e organizada das próprias emoções, o conhecimento do terreno, humano e não-humano, onde agia o indivíduo, tornaram-se precondições cada vez mais indispensáveis para o sucesso social (ELIAS, 1993, p.226).

A economia dos afetos, compreendida aqui como uma série de procedimentos concatenando emoções e corpos, que marcou o

processo civilizador ocidental, é uma das conseqüências dos esforços de racionalização de caráter secular próprio ao projeto da modernidade<sup>5</sup>. Um exemplo é o lugar que os sentimentos ocupa na construção do ideário da Nação, daquilo que é preciso lembrar e esquecer para fundar um determinado pertencimento, caro à modernidade. A Nação, ainda na trilha de Elias, inicia a coordenação de afetos e sentimentos, mediante a monopolização da força física, da tributação e de uma série de controles para a pacificação e a convivência social. Voltaremos mais tarde a esse autor quando trataremos das pressões exercidas pela modernidade sobre os afetos.

A confluência entre a racionalização da vida e os efeitos na constituição afetiva dos indivíduos e grupos nos leva a problematizar o par razão/emoção como uma das interfaces possíveis na organização e no próprio estudo da memória, já que a complexificação das experiências humanas a partir da modernidade deixa entrever o funcionamento de vários planos condicionando as práticas sociais e culturais. A separação entre razão e emoção como sendo diametralmente opostas parece se dar, sobretudo, em função de necessidades analíticas.

Se a memória envolve modelação das práticas humanas, dos processos de aprendizado e transmissão das experiências, então é importante pensarmos na sua relação com a afetividade. A aposta aqui é a de que os afetos estão nos atravessamentos em que se constituem as expressões cognitivas e corporais, os gostos, as crenças, as noções de moralidade, as relações sociais que construímos nas interdependências humanas, considerando tanto as redes alongadas quanto aquelas de escala reduzidas. Cada trama social comporta, assim, afetos específicos, contribuindo com a maneira com a qual as pessoas se portam no mundo e validam suas experiências.

## **Memória e afetividade**

Os afetos fazem parte das reflexões de praticamente todos os filósofos, desde a Antiguidade até os nossos dias. Os processos afetivos estão presentes nas condutas humanas e, muitas vezes, assumem lugares

---

<sup>5</sup> A noção de projeto aqui não quer dizer que houve um planejamento calculado. Isso não significa que não tenha havido um tipo específico de ordem, mas, conforme Elias (1993), é preciso pensar nos processos, nas mudanças históricas, nos vários entrelaçamentos possíveis nas interdependências humanas e que levam a determinados resultados.

decisivos. Será por acaso que algumas das divindades da Grécia Antiga eram referências a sentimentos e paixões? É o caso de *Eros*, *Phobos*, *Aidós*, que designam Amor, Medo e Vergonha, respectivamente. Especulamos que, em função da importância dos afetos na experiência humana, é que podemos encontrar elucubrações sobre o amor, por exemplo, em pensadores tão importantes, distantes e teoricamente diversos no tempo como Platão e o seu texto *O Banquete*, no qual Sócrates conversa com amigos sobre o tema e Marx, que dizia que a sua essência objetiva era dominada pela paixão (KONDER, 2007).

Mas, tratar da afetividade, no âmbito da teoria social ou sob a perspectiva dos estudos históricos, parece estranho, afinal, a herança iluminista que pesa sobre as nossas formas de pensar insinua uma dicotomia entre o racional e o emocional. Mas será mesmo possível afirmar essa separação? Descartes, por exemplo, cujo empreendimento racionalista marcou a história do pensamento ocidental, manifestou interesse pelo tema ao escrever *Paixões da alma*, em que expressa sua intenção de explicar as paixões não como um orador, nem mesmo como um moralista, mas “*en physicien*”, isto é, de explicá-las por suas causas primeiras como um filósofo natural (GLEIZER, 2005, p. 14). Temos que a própria possibilidade de racionalização sobre o tema implica uma relação com a afetividade.

Podemos pensar, então, que apesar da aparente estranheza, a questão dos afetos está presente nas teorizações das ciências humanas, embora tangenciando as diversas discussões, marcadas por esforços de objetividade. Em muitos casos, a afetividade é passível de apreensão nas articulações entre as relações sociais, econômicas e culturais. Outras vezes, ela pode ser percebida nas elaborações teórico-metodológicas e nos percursos intelectuais dos estudiosos da História, da Sociologia, da Antropologia e de outros campos do conhecimento. Perceber a possibilidade de estudar o afeto sob o prisma da teoria social, ou de campos afins, parte de uma perspectiva tributária das significativas transformações ocorridas nas pesquisas das ciências sociais e históricas, principalmente ao longo do século XX, que dão cada vez mais importância à vida cotidiana. O olhar sobre as determinações econômicas, políticas ou religiosas sobre a sociedade e o indivíduo volta-se para as práticas sociais e seus processos de produção/reprodução, significação/ressignificação.



A razão instrumental, meticulosa na avaliação de prós e contras e relação fins e meios, cede lugar privilegiado à razão prática, afinal as racionalizações ocorrem em ínfimos momentos no dia-a-dia (NERY, 2001, p.16). A separação entre mente e corpo dá lugar a uma perspectiva em que o corpo é, em si, a possibilidade das experiências e, portanto, detentor de saberes. O seu estudo deixa de ser objeto exclusivo das ciências biológicas e passa a ocupar uma posição importante nas ciências humanas, como ponto de interseção modal e criativo das relações sócio-psíquicas e sócio-históricas.

A memória, designada como dispositivo sócio-psíquico comporta, entre seus traços constitutivos, as emoções, os sentimentos, as paixões, ou seja, as experiências subjetivas que marcam nossas vivências, influenciando comportamentos, gostos e modos de expressão, incluindo práticas sociais e culturais. As emoções, assim como outras manifestações, se dão em contextos sociais, de interrelações pessoais e grupais. Desse modo, podemos pensar que o âmbito do sensível, e sua relação com o inteligível, para além da unidade conceitual do indivíduo, também encontra seu lugar no constructo mais amplo que é a sociedade.

Não é à toa que o tema dos afetos está presente nas investigações a respeito da vida social em autores clássicos como Durkheim e Weber, ainda que de forma marginal. Em Durkheim, o papel da religião na coesão social mobiliza emoções que, embora encontrem sua existência nas consciências individuais, estão referidas à vida em sociedade. Nas interações coletivas, os sentimentos arrebatadores elevam os indivíduos acima de si próprios, resultando nas experiências grupais. Já Weber classifica a ação emotiva como um tipo de ação social, com reverberações na discussão sobre a racionalidade e a irracionalidade. O agir emotivo está no âmbito da irracionalidade, embora isso não signifique ininteligibilidade, mas sim, o fato de que as ações afetivas não passam por uma elaboração consciente do tipo que planeja os resultados desejados a partir de uma dada ação. Os afetos estão imbricados na própria ação. Os estados emocionais têm, para Weber, um lugar importante na ação humana, ainda que na forma de desvios, conferindo valor sociológico ao estudo das emoções ao perceber o racional no irracional (NERY, 2001, p.17-21).

Essas considerações nos levam a pensar que, a busca e a ênfase na racionalidade, disparadas pelos processos da modernidade abrem

caminho, por outro lado, para a percepção e o estudo dos afetos, seja na tentativa de desenvolver tecnologias específicas para o controle das emoções e das pulsões em uma sociedade civilizada; seja para compreender melhor essa dimensão inextricável do ser, em um viés com caráter mais psicologizante; seja para afirmar o lugar de destaque da afetividade na trajetória sócio-histórica dos indivíduos e grupos. As emoções estão presentes na maneira como as pessoas lidam com o presente e com o passado e, a partir daí, mobilizam saberes, ressignificam experiências e definem estratégias.

Nesse sentido, podemos pensar nos afetos como formas de conhecimento, compreensão e experimentação do mundo, bem como de tradução das nossas vivências para os outros. O indivíduo está mergulhado em uma totalidade de significados, daí que não é possível pensá-lo fora dos contextos sociais. O homem está sempre, de algum modo, “afetado” e essas afecções qualificam suas “disposições para...”, suas relações com o espaço e o tempo, nas suas interdependências, definindo, inclusive, porque se sente dada emoção e não outra, em situações específicas. Razão e emoção são um duplo reversível: a racionalização opera com base na afetividade em dada situação ao mesmo tempo em que utiliza seu potencial reflexivo para orientar as emoções.

## **Pensando a afetividade com Freud**

Embora um dos objetivos aqui seja demonstrar a possibilidade de abordagens sobre os afetos a partir da teoria social, faz-se necessário uma angulação em direção a outro campo de conhecimento para lançar luz a determinadas idéias que serão pinçadas mais à frente. Um caminho alternativo para pensar a afetividade, e sua relação com a memória, é a psicanálise. Esse saber adquire uma importância fundamental nos estudos sobre a memória, principalmente em função da idéia de inconsciente, de Sigmund Freud (1856-1939). O conceito confere certo limite à noção de razão autônoma e voluntarista, herdada do Humanismo e do Iluminismo, ao afirmar a existência de camadas ou níveis da mente dominadas por vontades primitivas que estão escondidas sob a consciência e que se manifestam na forma de lapsos, chistes, sonhos ou traumas. O homem transcende sua condição dentro

de si mesmo, pois toda a fundamentação da experiência se dá no e pelo corpo. Assim, o psiquismo é o terreno onde a vida ganha sentido, concatenando, selecionando, evidenciando e expressando as experiências (FARIAS, 2008).

Em Freud, a memória está ligada ao inconsciente, enquanto processo formativo da psique, condicionado pelas pulsões e os traumas que constituem a vida. Nesse sentido, o inconsciente é lógico e mnemônico. Isso é percebido na medida em que o desenrolar da vida se dá nas determinações e nos deslocamentos ocasionados pelos traumas e esses traumas são, internamente, lembranças de alguma coisa. O psiquismo então supõe o eterno retorno – memória – dos nossos traumas, que informa a nossa vivência, nos lembrando do ausente e, desse modo, interferindo nas nossas ações e contribuindo para as posturas que exercemos nos diversos contextos sociais.

No esquema freudiano, o afeto está identificado à sexualidade e é, sobretudo, descarga, relacionado com a energia da pulsão, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos. Apreendemos esse dado, por exemplo, na leitura de uma das primeiras obras de Freud, *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1948). A partir da extensa série de casos analisados podemos pensar que conhecer o afeto é ter acesso ao recalque e, em seguida, ao sujeito. Os afetos também podem ser considerados como reações aos traumas, constituindo-se então em vias expressivas dos contextos considerados, o que possibilita sua apreensão inteligível.

A questão do estudo do afeto surge em uma rede intrincada com outros conceitos, especialmente a pulsão e a angústia. Entendido como um estado emocional inclui toda a gama de sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável, manifestado de forma violenta, física ou psíquica, de modo imediato ou adiado. Assim, além do entrelaçamento conceitual, estamos diante de um acontecer permanente e intenso na vida do homem, companheiro desde o nascimento até a morte (CÓRREA, 2005, p. 4).

Os afetos, em sua condição de aderência às pulsões, também estão no alvo dos controles. Eles estão à mercê de dominações e classificações (bons e maus) com repercussões na estrutura psíquica da personalidade. A dominação dos afetos é a conseqüência inevitável do controle das pulsões. A partir das modelações, o indivíduo apresenta

disposições para viver certos afetos ou deles se utilizar para experimentar os mais diversos objetos. Compreender esse aspecto da teoria freudiana é perceber o quão importante se tornam os conhecimentos sobre as modelações das pulsões e do corpo e o quanto podemos considerá-los conectados à modernidade e ao seu chamado ao autocontrole e à responsabilidade.

Embora Freud não tenha tratado conceitualmente a memória, de forma sistemática, o tema atravessa toda a sua obra, já que o psiquismo pode ser compreendido como uma espécie de “aparelho da memória”, formado por níveis (consciente, subconsciente e inconsciente) que recebem os diversos registros e impressões causados pela e na experiência cotidiana e que obedece a determinadas lógicas de funcionamento que a psicanálise, enquanto método clínico, tenta descrever. A originalidade trazida pelas teorizações a respeito desse aparelho bio-psíquico, que podemos identificar com a memória, influencia uma gama de estudos em vários campos de conhecimento, incluindo as teorias sociais.

## **A afetividade sob controle**

As discussões mais atuais sobre a memória nos conduzem aos dispositivos de regulação e coordenação das pulsões bio-psíquicas. Nessas elaborações, se fazem sentir os ecos da psicanálise soando numa série de concepções analíticas que têm como questão as disposições corporais. O esquema teórico-metodológico desenvolvido pelo sociólogo Norbert Elias, por exemplo, interpela o tema das disposições corpóreas na triangulação entre memória, linguagem e conhecimento (FARIAS, 2008). Elias busca a noção de pulsão na obra de Freud, enquanto fluxo vital, a despeito de sua desconfiança com relação ao que ele considera o anti-historicismo da teoria freudiana (RICOUER, 2007, p.217).

Na apresentação da edição brasileira do livro *O Processo Civilizador*, Renato Janine Ribeiro afirma que Norbert Elias aponta o interesse nas formas de sentir e imaginar como tema de estudo (RIBEIRO apud ELIAS, 1994, p. 9). Também em *A Sociedade de Corte* (2001), Elias traz à tona o tema das emoções ao abordar o processo de formação histórica da sociedade de corte ocorrido entre os séculos XI e XVII, especialmente no caso da sociedade francesa. Os processos

civilizadores<sup>6</sup> descritos nessas duas obras resultam na adoção de novos códigos de conduta com conseqüências na sensibilidade, nos modos de sentir e agir no mundo ocidental moderno.

A obra de Elias é uma chave para o entendimento de como os fluxos vitais são modelados nos agentes em específicas dinâmicas sócio-históricas, indicando a importância fundamental dos controles e autocontroles na constituição das experiências humanas. A vida, no esquema elisiano, é impensável sem controles e estes são construídos e destruídos nos embates históricos, compreendidos como processos de longa duração. Desse modo, a noção de pulsão, que na obra de Freud está pautada no indivíduo, em Elias emerge como categoria de entendimento do social, pois, para este, os conceitos indivíduo-sociedade não são dados absolutos: um não se realiza sem o outro, eles estão intensamente imbricados.

Elias analisa a instauração de novos modos de agir a partir da figuração sócio-histórica desenhada com a formação dos estados modernos e os percebe ancorados numa elevada escala de controle dos afetos tendo como base as transformações da nobreza guerreira em nobreza de corte, que vão se refletir desde as regras de etiqueta e civilidade usadas nos cenários palacianos até as condutas privadas como o comportar-se no quarto. Desde aqui, é possível perceber a novidade histórica para a qual o sociólogo quer chamar a atenção: embora espécies e graus de controle sempre tenham existido na experiência humana, a formação dos estados nacionais e demais elementos da modernidade trouxeram um estágio até então nunca visto de autocontrole dos corpos. Cada gesto, passo, expressão facial está sob espreita de si mesmo e dos outros.

Com isso, temos que as modelações das pulsões, noção tão importante nos dois volumes da obra *O Processo Civilizador*, por exemplo, se dá nas relações sócio-históricas ou, mais especificamente, nas interdependências, a partir da incorporação de saberes socialmente elaborados. Ao lado das grandes transformações ocorridas no âmbito do Estado, esse processo é descrito como um sistema de coerções

---

<sup>6</sup> Os processos civilizadores são, como indica Elias (1993), séries de atos de racionalização, ligados à formação do Estado Nacional e à complexificação das variadas redes em que se inscrevem as sociedades e seus efeitos nos corpos, comportamentos e sentimentos dos indivíduos.

progressivamente interiorizadas até o ponto de se tornarem um fenômeno de auto coerção permanente que Elias denominou *habitus*. Os modelos sociais com seus novos *habitus* foram, a partir da corte, penetrando, progressivamente, nas demais camadas da sociedade, difundindo os sistemas de controles e autocontroles em níveis diferentes. Nesse sentido, Paul Ricouer, ao analisar as contribuições teóricas de Elias chama a atenção para um de seus conceitos chaves: o de economia psíquica, que rege a distribuição das pulsões, dos sentimentos, das representações (RICOUER, 2007, p.216-217).

A afetividade está, por esse prisma e de maneira duradoura, sob controle. Uma dada dinâmica psicológica opera conjuntamente com uma dada dinâmica social na formação de saberes, sentimentos e modos de expressão que atuam, particularmente, sobre os indivíduos e, de modo geral, sobre toda a sociedade, a partir das redes relacionais constituídas nas experiências. Paixões, desejos, comportamentos agressivos, atitudes rotineiras que antes dos processos que levaram à formação dos estados nacionais eram experimentados sob certo grau de liberdade passam a ser alvo de controles regulares em práticas difusas as quais perpassam desde os espaços institucionais até o comportamento individual. Nesse contexto, as manifestações artísticas ligadas ao romantismo, o lazer e o esporte vão ganhar importância como forma de escape, de extravasamento das pulsões e dos sentimentos reprimidos na modernidade.

O que o indivíduo busca [nessas atividades] é poder experimentar sensações de amor, ódio, de medo em situações que, no fundo, não lhe causam perigo, nem instabilidade, mas que, balanceadas por uma excitação/tensão agradável, promovam um turbilhão de emoções vitais (VIEIRA, 2003, p. 13).

Elias utiliza em suas análises dos processos civilizadores expressões como anseios, paixões, impulsos, sentimentos apaixonados, medo, alegria, prazer, remorso, desejos e investiga emoções como o pudor e a vergonha.

O forte arranco da racionalização e o não menos (durante algum tempo) forte avanço do patamar da vergonha e repugnância que se tornou, em termos gerais, cada vez mais perceptível na constituição do homem ocidental a partir do século XVI, foram dois lados de uma mesma transformação na estrutura da personalidade social (ELIAS, 1993, p. 242).

A análise demonstra não apenas a importância dos afetos, mas também a viabilidade de seu estudo a partir da teoria social e, também, de outras ciências humanas, pois que as emoções se dão por razões sociais, na interação de um ser humano com o outro, de um grupo com o outro, de uma camada social com outra.

[...] a forma e a estrutura das funções psicológicas de direção de si mesmo mais consciente e inconsciente jamais poderão ser compreendidas se forem imaginadas como alguma coisa que exista ou funcione, em qualquer sentido, isoladamente do resto. Ambas são igualmente fundamentais para a existência do ser humano e juntas formam um único grande contínuo funcional (ELIAS, 1993, p.238).

Amor, ódio, alegria, medo... As emoções comparecem testemunhando as transformações sócio-históricas e seus impactos na vivência cotidiana, tendo em vista que, sob os grandes rótulos que as ciências utilizam para descrever as experiências humanas, temos os grupos, os sujeitos agindo e sendo coagidos nos processos de mudança e permanência dos fazeres e saberes da vida social. E, para isso, não é preciso teorizar tendo como *locus* privilegiado o eu pragmático ou considerar as emoções como expressões desconcertantes e irracionais. É necessário entender os afetos como presentes nas coletividades, nos atravessamentos em que se conjugam aspectos econômicos, políticos, culturais, religiosos, sociais e que constituem, em tempos e espaços variados, as dinâmicas que surgem e se reproduzem nas sociedades.

## Considerações finais

A afetividade é inseparável dos indivíduos, considerados isoladamente ou em grupos, enquanto traço constitutivo de suas experiências no mundo. É muito comum a afirmação, em vários campos do saber, que a grande diferença entre o ser humano e os demais animais é a racionalidade. Mas por que não incluir aí, como a face de uma mesma moeda, a emotividade? O ser humano porta uma imensa capacidade de sentir emoções, de tipos e graus variados, específicas a cada trama ou contexto social e que ultrapassam as respostas baseadas nos instintos.

O viés apontado por essa reflexão pretendeu indicar que, para além dos estudos psicológicos e biomédicos, a afetividade também é tema das Ciências Sociais e da História, ainda que não abordada de

forma direta e sistemática, mas insinuando-se nos esforços de compreensão das figurações sócio-históricas, das trajetórias de indivíduos e grupos, das relações e disputas de poder, dos espaços de construção de saberes e fazeres. As emoções, como manifestações do terreno complexo que é o psiquismo, são forjadas nas relações sociais.

Partir de Freud se faz necessário na medida em que suas teorizações demonstram que, na formação da psique humana, os fluxos vitais se tornam pulsões a partir de esforços direcionados, de modelações, nos permitindo pensar no grande empreendimento que levou o homem, num longo percurso histórico, a conter seus instintos animais, a racionalizar, cada vez mais, suas emoções e condutas, embora essa racionalidade não aponte para o fim das dores, das incertezas e conflitos, tanto individuais quanto sociais. Também é importante pelo fato da teoria freudiana ter gerado impactos em estudos de vários matizes, incluindo as ciências sociais.

A noção de pulsão, enquanto fluxos modelados que se manifestam nas disposições corporais, comparece na obra do sociólogo Norbert Elias, de forma ampliada, quando o mesmo chama a atenção para o fato de que os comportamentos e modos de sentir que acreditamos naturais são socialmente elaborados por meio de aprendizados arranjados em redes complexas constituídas no processo de formação dos estados nacionais e, como consequência, no que chamamos de modernidade. Elias estabelece um encadeamento entre uma teoria da modelação das pulsões e uma economia psíquica e as relaciona ao desenvolvimento das estruturas sociais. Ainda nesse mesmo movimento, o desenvolvimento das estruturas e seus modos de sensibilidade são passíveis de compreensão na percepção das maneiras como os agentes existem e dão sentido à vida.

As obras de Elias utilizadas aqui como referência para uma visão diferenciada sobre a questão da afetividade demonstram como as emoções, para além do caldeirão sentimental que é cada ser humano, estão presentes nos processos civilizatórios, deixando entrever um esquema teórico-metodológico, a partir da teoria social, que indica caminhos possíveis para pensar os afetos como manifestações existentes nas práticas sociais e culturais; no trabalho e na política; no lazer, no entretenimento e nos esportes; nas condutas individuais e coletivas.

As novas abordagens sobre a memória nos permitem pensar nas diversas circunstâncias em que ela se insere. Os mecanismos da



lembrança e do esquecimento são constituídos nos entrelaçamentos de várias ações e reações, ou seja, quando um indivíduo lembra, ele está mobilizando uma série de saberes incorporados, nos quais os afetos participam de forma consciente ou inconsciente definindo, inclusive, muitas das nossas escolhas e comportamentos. Assim como o ato de lembrar está sempre referido à necessidade de interação de um indivíduo com outro ou com um grupo, os afetos também são organizados nas experiências dos seres humanos em seu meio, em suas relações, contribuindo para os sentidos que atribuímos ao mundo.

Diante disso, podemos considerar a afetividade como traço inscrito nas memórias, compreendendo a clássica noção de lugares de memória, apresentada por Pierre Nora (1993), também como espaços imaginários, mentais e subjetivos. As emoções comparecem entrelaçadas com os processos de produção de signos e sentidos, socialmente elaborados nos aprendizados que vivenciamos ao longo da vida e nas diversas estruturas sociais e, por isso, conforme visto com Elias, sujeitas às pressões e alterações históricas. As estimas e os afetos, longe de serem atributos individuais, estão presentes nas reciprocidades humanas.

## Referências

CORRÊA, Carlos Pinto. O afeto no tempo. *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n. 28, p. 61-67, set. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo>. Acesso em 20 de maio de 2008.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e a aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editoria, 2001.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. I.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. II.

DOMINGUES, José Maurício. *Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

FARIAS, Edson S. Alguns apontamentos sobre o dueto Memória e Modernidade. In: Livia Magalhães Rocha e Claudinei Lombardi. (org.) *Temas em educação*. Campinas, SP: UNICAMP. (no prelo)

\_\_\_\_\_. Anotações de aula do curso de Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Disciplina Teorias da Memória, 1º sem. 2008.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia de la vida cotidiana. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948. v. II.

GLEIZER, Marcos André. *Espinosa e a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KONDER, Leandro. *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo, 2007.

NERY, Salete. *Tecido de razões e sensibilidade: emotividade nas racionalizações elaboradas por pacientes infartados em situação de internamento hospitalar*. 2000. 115p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.º. 10, p. 7-28, dez, 1993.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva & teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIEIRA, Mariella P. Arte, artista e processo civilizador – uma leitura de formação das tradições estéticas no Ocidente a partir de Norbert Elias. *Anais eletrônicos do V Simpósio em Filosofia e Ciência*. Marília: UNESP Marília Publicações, 2003.

Artigo recebido em agosto de 2008 e aceito para publicação em setembro de 2008.